

Overman, J. A., *Church and Community in Crisis. The Gospel according to Matthew*. The New Testament in Context. Pennsylvania, Trinity Press International, 1996.

Saldarini, A. J., *Matthew's Christian-Jewish community*. Chicago, The University of Chicago Press, 1994.

É Mateus um evangelho judeu ou um evangelho cristão? É justamente esta questão que está na base das teses defendidas por estes dois autores. E muito mais do que a interrogação o que pretendem é aprofundar o que acabará sendo chamado de *contexto social*.

As leituras não contextualizadas socialmente — que não levam em conta a realidade das comunidades que produzem ou provocam o evangelho — são, segundo estes autores, a razão das confusões e, sobretudo, a causa da incompreensão da temática do evangelho de Mateus. Cada um e, principalmente cada grupo religioso, tentará ler o evangelho de forma a justificar posições assumidas voluntária ou involuntariamente na sua história.

As teses destas obras, bastante afinadas ainda que com suas diferenças, dependem do conhecimento de dois campos: o primeiro — interno — leva em conta a vida e as pressões que os grupos que formam a comunidade de Mateus sofrem; o segundo — externo — que provem de diversas frentes, sendo a principal, o judaísmo que está se formando com o que de melhor sobreviveu à guerra judaica, e que Mateus chamará de escribas e fariseus, bem como de outros grupos de judeus seguidores de Jesus de Nazaré e, em última instância mas de forma fundamental, grupos do Império Romano que saiu vitorioso militarmente do confronto com o judaísmo rebelde nos anos 70.

Uma Palestina ocupada, rebelde e destruída lida com muitos projetos, alguns dos quais aparecem nos evangelhos e nas tradições que formarão a literatura, tanto judaico-cristã como judaico-rabínica.

Uma leitura de Mateus que não leve em conta o contexto é passível de influências ideológicas deformantes que não dão conta de conteúdos mateanos, por outra parte claros, se

conhecido o contexto político, social, econômico e religioso do lugar de origem do evangelho.

Neste sentido as obras de Saldarini e de Overman são claras. Mateus nasce de uma comunidade majoritariamente judaico-cristã, num período posterior a guerra judaica, quando todos os grupos judeus se defrontam com a única questão importante: a sobrevivência. E esta sobrevivência tem que levar a sério a tradição de Israel e também uma política de bom, ou pelo menos educado, relacionamento com o poder romano que agora se faz mais concreto em Jerusalém, uma vez que o Templo e a Cidade foram destruídos.

Trata-se de um período de transmissão e interpretação de tradições; um período de autodefinição e ao mesmo tempo uma época de luta pelo poder. Quem é o verdadeiro continuador das tradições judaicas? Quem pode dialogar em nome do judaísmo?

O maior erro, segundo estes autores, é pensar que estamos diante de duas religiões perfeitamente separadas, com estruturas de poder e ideologias bem definidas, que se digladiam, sendo uma a certa (supostamente o cristianismo) e outra errada (supostamente o judaísmo). Por estarmos num tempo de definições estes conjuntos ortodoxos, dizem os autores, não existem. Os membros da comunidade de Mateus são judeus. Eles tem uma história dentro do processo de expansão do movimento de Jesus que também é um produto judaico. Lêem a história judaica a partir do ensino e da prática de Jesus tal como era transmitida, criada e interpretada pelo diversos grupos judaico-cristãos. Podemos dizer que não são cristãos, nem isto é necessário. O cristianismo como totalidade ainda não se definiu, ou pelo menos, nenhum grupo teve força ideológica suficiente para determinar a ortodoxia do mesmo. E o mesmo acontece com o judaísmo não-cristão. Como judeus ligados à figura de Jesus e seus continuadores os judeus mateanos, na boca do autor, têm uma proposta e um projeto para Israel, como também o judaísmo reunido em Jammia tinha ou procurava.

A tese de Overman se concretiza um pouco mais. A relação entre estes judaísmos chegou na comunidade de Mateus a momentos extremamente críticos. Pressões exteriores vindas deste judaísmo formativo colocam muitas dúvidas à forma como se vivia o judaísmo nas comunidades *cristãs* mateanas, principalmente a atitude para com a Tora — que será sempre a razão das divergências dos grupos judeus. Acrescente-se a isto as pressões internas sentidas pelos membros da comunidade mateana que pode ter experimentado até casos de deserção. Mateus reage com aquilo que tem de melhor, a sua interpretação, a sua vivência como judeu seguidor de Jesus, e ataca, não o judaísmo, uma vez que ele também é judeu, mas ataca

o grupo ou os grupos que caminham numa linha diversa e parece ser a que encontra maior aceitação. De fato, a comunidade de Mateus é minoria e embora tenha seus méritos, inclusive na formação do que será o judaísmo rabínico, não terá influência direta na condução deste processo. Neste sentido os temas tratados por Mateus são temas vivos no contexto do judaísmo dos anos 80. Mateus e a comunidade de Mateus lutam pela sobrevivência e pela liderança. Qual foi o resultado? Não parece ter sido muito favorável a Mateus, nem no judaísmo rabínico, nem no que vira a ser o cristianismo. Mateus será lido, ao longa da história, como uma obra cristã e não como uma obra nascida num processo formativo e polêmico. Assim se colocam as bases para uma impossibilidade exegética. O contexto social quanto não levado em conta, faz com que sobre apenas interesses mais ou menos limpos, mas interesses.

Os autores pleiteiam um novo ponto de partida e, além das teorias introdutórias, Oberman tentou uma exegese de conjunto do evangelho à luz deste contexto social. Qual foi o resultado?

A leitura de Mateus ganha uma nova vitalidade. Novos paradigmas se oferecem que estão na linha de autodefinição e, de alguma forma, na direção do que poderíamos chamar de inculturação. Os capítulos decorrem numa linha coerente. Interessante e proveitosa é a obra de Overman. Deixa entrever a necessidade de continuar de forma concreta uma exegese cujo ponto de partida ficou bem claro. O itinerário também está claro. O resultado, ao meu ver, exige continuidade na pesquisa e na exegese.

A obra é fruto de um diálogo levado a sério. Reconstruir as origens destas duas comunidades irmãs e, durante tanto tempo tão distantes, é o melhor caminho em termos teóricos. As obras de Overman e Saldarini apresentam, neste sentido, uma boa contribuição.

*H. A. Torices*